



Os limites da sexualidade masculina no discurso médico e nos romances para homens da passagem do século XIX para o XX

Fernanda Cássia dos Santos¹

Artigo recebido em: 20/08/2015

Artigo aceito em: 04/10/2015

RESUMO

A partir de uma discussão a respeito da emergência no campo dos estudos de gênero de temáticas relacionadas à construção das masculinidades, o presente artigo pretende aproximar o discurso médico e os chamados “romances para homens”. Procura-se compreender de que forma foram impostas limitações ao exercício da sexualidade masculina na passagem do século XIX para o XX tanto na literatura de caráter erótico quanto no texto médico e as relações entre a imposição desses limites e a configuração de um modelo de masculinidade hegemônico. Para tanto, utiliza-se como fontes o romance “Um Homem Gasto” (1885), de Ferreira Leal e a Tese “Educação sexual do Brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Patria” (1923), de Felipe de Sousa Miranda.

Palavras-chave: Masculinidades; erotismo; discurso médico.

The limits of male sexuality in medical discourse and in the novels to men in the transition from the 19th Century to the 20th Century

ABSTRACT

From a discussion about the emergence in the field of gender studies of issues related to the construction of masculinity, this paper intends to approach the medical and so-called “novels for men”. Seeks to understand how it has imposed limitations on the exercise of male sexuality in the late nineteenth to the twentieth century both in literature and in the erotic character of medical text and the relations between the imposition of such limits, and the set up of a hegemonic masculinity model. We also use as sources the novel “A Man Spent” (1885), of Ferreira Leal, and the Thesis “Sex education in the Brazilian side of the huge problem of the greatness of the Fatherland” (1923), of Felipe Miranda de Sousa Miranda.

KEYWORDS: Masculinities; eroticism; medical discourse.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGH- UFPR), linha de pesquisa: Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. Este trabalho é resultado de reflexões realizadas durante o mestrado concluído na mesma instituição com bolsa do CNPQ. E-mail: fernanda.ufpr@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7697763063162557>.





Ser homem na passagem do século XIX para o XX

Os estudos sobre as masculinidades são relativamente recentes no campo das ciências sociais e são derivados das reflexões realizadas pelos estudos de gênero. Impulsionadas pelo movimento feminista, as pesquisadoras que fundaram o campo dos estudos de gênero durante muito tempo dedicaram-se à História das mulheres e às problemáticas relacionadas ao feminino. Partia-se da compreensão de que as mulheres foram excluídas das análises históricas e por isso precisavam ser resgatadas. De acordo com Durval Muniz Albuquerque Júnior, dentro dessa perspectiva, durante muito tempo os homens foram retratados pelos estudos feministas e de gênero como aqueles que dominavam a sociedade e a cultura, não deixando espaço para a memória sobre as mulheres. Neste sentido, toda a memória histórica seria masculina e como as feministas se opuseram a essa memória, em suas análises os homens foram considerados apenas um contraponto às mulheres, um “outro nunca analisado e definido”².

Apenas a partir dos anos de 1980 os estudos sobre as masculinidades se difundiram, sobretudo nos países anglo-saxões³. Esse processo é marcado pela inserção de estudiosos homens e por uma renovação das questões relacionadas ao campo de estudos de gênero. A noção de gênero, compreendida como uma categoria de análise que se refere à construção cultural e histórica do feminino e do masculino e das relações de poder entre eles, foi ampliada no sentido de superar a concepção binária segundo a qual ser homem e ser mulher são duas realidades distintas, opostas e homogêneas⁴. Neste sentido, pode-se compreender que na ordem de gênero para além da noção de que os homens dominam mulheres, num sistema hierárquico, há também um sistema de dominação entre os homens, em que homens de elite subjagam e exploram homens de status menor. Esse dois sistemas hierárquicos se alimentam mutuamente e são influenciados também por outros sistemas de dominação, tais como questões de classe e raça⁵.

² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: Uma Invenção do Falo – Uma História do gênero Masculino* (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 21.

³ BOTTON, Fernando Bagiotto. *Novos homens: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro*. In: Revista Historiar, Julho de 2009. Disponível em: www.revistahistoriar.com. p. 4.

⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino*. Op. cit., p. 21.

⁵ SABO, Donald. O Estudo Crítico das Masculinidades. In: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.) *Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 40- 41.



Se dentro da ordem de gênero há mais de um tipo de configuração de masculinidade, há entre elas uma em especial que se apresenta na sua forma “hegemônica”, aquela que corresponde a um ideal cultural de masculinidade, como afirma Robert Connel. As outras formas de masculinidade mantêm relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização com a hegemônica⁶. Como modelo cultural idealizado, a masculinidade hegemônica não pode ser atingida a não ser por um número muito restrito de homens. Está presente, no entanto, no campo dos discursos de um grupo social, definindo o que é ser homem. Nas palavras de Benedito Medrado e Jorge Lyra:

[...] como padrão, ela [a masculinidade hegemônica] exerce um efeito controlador, através da incorporação de uma ritualização (no sentido antropológico) das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino e subordina outras variedades⁷.

Deste modo, pode-se dizer que se os estudos feministas contribuíram durante anos para elucidar questões relacionadas aos poderes e abusos por parte dos homens que historicamente subordinaram e exploraram mulheres, agora lançam um olhar sobre a pluralidade masculina. Destacam-se então as problemáticas relacionadas ao ser homem, aos conflitos e exclusões da masculinidade e aos jogos de poder presentes no âmbito do próprio mundo masculino⁸.

Na historiografia brasileira, no entanto, as produções que tomam como objeto a construção social do masculino ainda são raras, o que segundo a historiadora Maria Izilda Santos de Matos, acaba “deixando a impressão de que os homens existem em algum lugar além, constituindo-se num parâmetro extra-histórico e universalizante”⁹. É neste campo de estudos que se inscreve esse trabalho, que objetiva traçar algumas linhas de análise sobre a construção do modelo hegemônico de masculinidade na passagem do século XIX para o XX a partir do discurso médico e de um exemplar de um dos chamados “romances para homens” do

⁶ CONNELL, Robert. W. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). *Masculinidades: Poder y Crisis*. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, pp. 34-43.

⁷ MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brønstrup (orgs.). *Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 64.

⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n.34, 2001, p. 46.

⁹ Idem.



período. Para tanto, optou-se por utilizar o livro “Um Homem Gasto: Episódio da História Social do XIX século”, de Ferreira Leal, escrito em 1885 e a tese médica “Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria”, de Felipe de Sousa Miranda, escrita em 1923. Ambos os textos, um de caráter literário e outro pretensamente científico, tratam de questões relacionadas à sexualidade masculina e aos limites para seu exercício, e nisto, também discorrem a respeito daquilo que se considerava “ser homem” no período.

A passagem do século XIX para o XX é marcada por grandes mudanças na sociedade brasileira. As transformações causadas pelo crescimento do mundo urbano induziram a novos “padrões de comportamento social”¹⁰. O advento da República colocou em voga na sociedade brasileira a necessidade de transformar hábitos e costumes tradicionais, muito com o intuito de superar a perspectiva de atraso brasileiro com relação às sociedades européias. Os valores da sociedade tradicional patriarcal sofriam sensíveis mudanças na medida em que se buscava modernizar o Brasil e nisto construía-se também um novo modelo de masculinidade.

Durval Muniz Albuquerque Júnior fala a respeito dessas mudanças sociais após a abolição da escravatura e o surgimento da república como uma “feminização dos costumes”. Tais acontecimentos políticos, nos sentimentos dos homens da elite brasileira do período, traziam ameaças à ordem social pré-estabelecida, à autoridade e à hierarquia social. Neste sentido, a supressão das fronteiras entre raças (consequência da abolição) e o acesso à política por outras parcelas da sociedade até então excluídas foram lidas como um alastramento do feminino pela sociedade. Com a vida urbana surgira uma classe média formada por operários, comerciantes, industriais, homens completamente diferentes daqueles antigos patriarcas brasileiros, cujo status estava relacionado a uma sociedade predominantemente agrária e escravista¹¹.

A partir de uma valorização crescente daquilo que era moderno e cidadão, os jovens (filhos da aristocracia rural que muitas vezes vinham para as capitais em busca de formação acadêmica) ao mesmo tempo em que se tornavam bacharéis, tomavam cada vez mais contato com idéias novas, afastando-se do Império¹². O modelo de homem brasileiro assim se transformava, num mundo em que cada vez mais era necessário parecer civilizado, vestindo-

¹⁰ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 25.

¹¹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino*. Op. cit., p. 33.

¹² *Ibidem*, p. 52-53.



se de acordo com a moda europeia e ao mesmo tempo adquirindo hábitos de autocontrole físico e moral. Tudo isto, se opôs à idéia de macho das gerações anteriores: a do homem que se afirma pela violência, pelo poder de mando e pela própria indisciplina¹³.

A medicina do período teve um papel fundamental na construção desse novo modelo de masculinidade através da adoção de práticas higienistas. Mais do que tratar de assuntos relacionados à saúde, os procedimentos médicos modificaram as feições sociais das famílias e as adaptaram à vida urbana, constituindo-se numa normatização do cotidiano que propunha uma nova educação física, moral, intelectual e sexual¹⁴. Neste sentido, a moral existente na sociedade brasileira da época passou a ser médica, não apenas religiosa. Nas palavras de Albuquerque Júnior:

A predominância progressiva das formas de sociabilidade urbanas sobre as rurais, processo que vinha ocorrendo desde pelo menos a segunda metade do século XIX, vai substituindo progressivamente entre as elites, e especialmente, entre os homens, formas rústicas e pouco civilizadas de falar. O discurso médico-higienista vai conseguindo seus progressos no sentido de um maior apuro na higiene pessoal, no asseio e na limpeza dos ambientes, das casas e até das ruas¹⁵.

De acordo com o historiador Jurandir Freire Costa, a figura social do médico, que até o século XIX fora relativamente desprestigiada¹⁶, convertera-se no contexto da urbanização em grande difusor de normas de caráter moral que deveriam ser seguidas pelas famílias, em consonância com um projeto de manutenção e reprodução da ordem social burguesa. Através da elaboração e da disseminação de um discurso sanitarista, a higiene atrelou a vida privada dos indivíduos ao destino político das classes mais favorecidas. Nas palavras do autor:

Por um lado, o corpo, o sexo e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a ser programadamente usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação social daquela classe [a burguesia]. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar, reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos de

¹³ BOTTON, Fernando Bagiotto. *Novos homens*. Op. cit., p. 13-14.

¹⁴ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocação do Prazer*. Op. cit. p. 45.

¹⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino*. Op. cit., p. 44-45.

¹⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. p. 74.



classe existentes na sociedade. As relações intrafamiliares se tornaram uma réplica das relações entre classes sociais¹⁷.

Neste sentido, o discurso médico higienista produziu um determinado tipo de educação moral apoiada na ideia de preservação da saúde para que fosse possível colaborar para a construção da nação brasileira (no início do século XIX) e mais tarde, com o advento da república, para a edificação da pátria. Em conformidade com esse projeto cívico, homens e mulheres foram convertidos pela higiene em progenitores e guardiães de uma prole saudável e para tanto o exercício da sexualidade dentro do casamento também passou a ser alvo de tutela médica¹⁸.

A cidade de Curitiba, que se modernizou a partir dos anos de 1880, passou a conviver, neste período, com “bondes de tração animal, eletricidade, água encanada, o passeio público, os teatros, as estradas de ferro ligando a cidade com o litoral e com o interior”¹⁹ e ao mesmo tempo também com a higienização. Da mesma forma que em outras cidades do país, o poder público se aliou ao conhecimento médico para transformar as ruas curitibanas em espaços livres de miasmas transmissores de doenças²⁰. Paralelamente a esse processo, o discurso médico incidiu também sobre a vida sexual do homem curitibano.

A tese “Educação sexual do brasileiro em face do vultoso problema da grandesa da Patria”, escrita por Felipe de Sousa Miranda para a obtenção do título de Doutor em Medicina pela Universidade Federal do Paraná inscreve-se neste contexto e demonstra preocupação com as práticas sexuais masculinas. No texto, ao mesmo tempo em que se discutem questões relacionadas às limitações que devem ser impostas aos prazeres para que a saúde do homem seja preservada, desenha-se o perfil de um modelo masculino que precisava ser saudável para contribuir para com o projeto republicano.

A tese de Miranda constitui-se basicamente em um alerta aos pais de meninos e jovens para que conversem sobre sexualidade com seus filhos e os advertam sobre os males da masturbação, do sexo com prostitutas, de uma vida sexual desregrada com o objetivo de

¹⁷ Ibidem, p. 13.

¹⁸ Ibidem, p. 14-15.

¹⁹ DENIPOTI, Claudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 24.

²⁰ Ibidem, p. 26.



contribuir para a formação de uma futura geração mais saudável. Jovens que se tornassem homens saudáveis e que soubessem usar do autocontrole sexual poderiam, assim, cooperar com a construção de um país melhor para todos. Desta forma, a preservação da moral sexual relacionava-se com um modelo de masculinidade em que o homem é também aquele que cumpre com o seu dever para com a ordem e o progresso de sua nação, como se observa na seguinte passagem:

Acautelemo-nos, pois, de um dos maiores inimigos da espécie humana – do gnoccoco de Neisserm – e o façamos com a consciencia tranqüila de estarmos nos protegendo individualmente, ao mesmo tempo que estamos nos habilitando, para sermos uteis á família e assim também ao nosso querido Brasil, á essa imensa Patria, que tanto idolatramos!²¹.

A força masculina estaria ligada, no discurso médico, ao mesmo tempo à virilidade e ao poder de autocontrole do homem. Ser viril significava, portanto, ser forte para contribuir para a formação de um país novo e equiparado às nações européias. Construía-se assim, um modelo de masculinidade calcado na potência sexual, no autocontrole (que inclusive servia para preservar a virilidade) e no compromisso com a pátria. Neste sentido, Miranda aconselha aos jovens a preservação da castidade, com as seguintes palavras:

Do que ficou dito, a conclusão lógica e racional é que depende do moço vencer ou morrer. [...] Melhor será, em summa, que tenha por lemma: - Viver pela felicidade da Patria; e para isso tenha por escudo – a castidade! Mas se por ventura enfraquecer na jornada e um dia sentir que está se deixando dominar pela carne, ao menos levantar-se a tempo e para nunca mais cair, mostrando que é digno da Patria, da família e de si próprio!²²

O casamento e a procriação são considerados no discurso de Miranda, como um dever cívico, segundo o qual se faz necessário gerar descendentes fortes que garantirão o futuro da nação brasileira. Defende-se, para tanto, que o casamento seja realizado apenas após os vinte anos e se possível após os vinte e cinco anos, quando os corpos de homens e mulheres já estariam preparados para a procriação. Para defender a tese de que uma vida sexual saudável e

²¹ MIRANDA, Felipe de Sousa. *Educação sexual do brasileiro em face do vultoso problema da grandesa da Pátria*. Curitiba: Livraria Universal Affonso Hey e Cia, 1929. p. 34.

²² *Ibidem*, p. 43.



de acordo com a moral proposta estaria relacionada com o desenvolvimento da nação, o autor utiliza-se de exemplos de outros países, enaltecendo a Inglaterra – modelo do qual o Brasil deveria se aproximar - e diminuindo a Índia:

As terríveis conseqüências do casamento em tenra idade são claramente vistas na India, onde as meninas casam aos doze e quatorze annos, e os rapazes com uma idade correspondente. Conversando com um brahmane muito instruído [...] elle condemnou seriamente estes casamentos prematuros, e deu-o como causa não só da pequena estatura e diminutas e não desenvolvidas proporções phisicas dos homens e mulheres de sua patria, mas tambem como produzindo um effeito similar sobre o desenvolvimento de um povo, o que se demonstra pelo facto de, em vez de se governarem a si mesmos, elles são vassalos e súbditos de nações estrangeiras. [...] O reverso do que acontece na Índia, vê-se pela idade com que os homens e as mulheres casam na Inglaterra: os homens quando attingem a idade media de vinte e seis annos, e as mulheres cerca de vinte e cinco. Por isso é que os inglezes, não só attingem geralmente a uma bella estatura, mas a uma completa virilidade, seus poderes intellectuaes são predominantes na força mental da raça ingleza, demonstrada pela preponderância da Inglaterra em todo o mundo²³.

É interessante observar que essas ideias tenham sido formuladas e difundidas na cidade de Curitiba num momento em que circulavam opiniões a respeito da sexualidade, do casamento e da vida familiar completamente opostas às de Miranda. No periódico “O Olho da Rua”, escrito por jovens e estudado por Claudio DeNipoti, por exemplo, o casamento aparecia com frequência como o espaço do fim da liberdade e da sexualidade. Amor e felicidade (compreendida como a satisfação dos desejos sexuais) eram tidos como opostos ao casamento²⁴, o que indicava uma prática social bastante distante da preservação da castidade defendida por Miranda.

Ponto comum entre os dois discursos, no entanto, é o fato de considerar o casamento como uma necessidade relacionada às responsabilidades sociais do homem. Casar-se, no discurso dos jovens escritores de “O Olho da Rua” mostrava-se um erro, mas um erro

²³ Ibidem, p. 55.

²⁴ DENIPOTI, Claudio. Op. cit., p. 98-99.



necessário, como se observa na passagem: “Casae, casae! Indiscutivelmente/ Essa é a asneira mais bella, com certeza/ É a mais rija e gloriosa cabeçada!”²⁵.

A existência de idéias a respeito da vivência de uma sexualidade livre fora do casamento, como as com que DeNipoti elucidou através de sua pesquisa, justificam a eloquência com que o médico Felipe de Sousa Miranda defende a ideia da preservação da castidade o máximo possível. Se por um lado, tal defesa aproxima-se de um discurso moral religioso, por outro, vai além dele, explicitando os problemas sexuais e as doenças que podem decorrer de uma vida de desregramento sexual (ainda que restrita à juventude). Mais do que isso, a ausência de controle sobre si mesmo poderia acarretar na impossibilidade de ser útil à nação brasileira.

Dentro das recomendações médicas para evitar os males da inobservância da moral sexual pelos jovens, está o ato de evitar situações que possam causar excitação. Neste sentido, a manutenção da castidade seria menos penosa se o jovem ocupasse sua mente com algo que lhe fosse proveitoso e não se entregasse a leituras perniciosas, pois elas poderiam lhe despertar o desejo de infringir a moral. Tais leituras, no entanto, justamente neste momento tornavam-se cada vez mais acessíveis e numerosas.

Os Romances para Homens

Nos jornais brasileiros dos últimos anos do século XIX e dos primeiros anos do século XX, tornaram-se comuns anúncios de livrarias que entre diversos gêneros de publicações, arrolavam inúmeras obras sob a designação de “romances para homens”, “leituras para homens” ou “só para homens”. Tratava-se de livros de caráter pornográfico com descrições de cópulas e enredos excitantes ou depositários de conteúdos que de alguma forma afrontassem a moral da época.

Os “romances para homens” eram livros baratos e pelo que se sabe impressos na cidade do Rio de Janeiro, ponto de partida do mercado editorial do Brasil nesse período. A

²⁵ “Contractos nupciais”, *O Olho da Rua*, Curitiba, 10 jun. 1911, s. p. a. IV, n. 2. Apud. DENIPOTI, Claudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 98.



partir da década de 1870 uma série de livreiros abriu suas portas na capital do país e iniciou uma produção crescente de livros e periódicos que aos poucos foram sendo transformados em produtos acessíveis e lucrativos²⁶. Os livros, antes impressos em formato in-fólio,²⁷ passaram a ser feitos em in-quarto ou em in-oitavo de papéis pouco resistentes e encadernados em brochuras, barateando a produção e permitindo que leitores de menor poder aquisitivo pudessem adquiri-los.

Esse período é marcado por um aumento significativo do número de livrarias instaladas na cidade de Curitiba, o que indica que o comércio de livros tornou-se um ramo econômico lucrativo.²⁸ Só na última década do século XIX, foram fundadas a “Livraria da Impressora Paranaense”, a “Livraria Econômica”, a “Livraria Popular” e o “Atelier Novo Mundo”. Na década seguinte, passaram também a funcionar a “Livraria Polaca”, a “Livraria Mundial” e a “Casa das Novidades”.²⁹ Sabe-se que essas livrarias também editavam livros, pois esse serviço era oferecido também em seus anúncios, mas não foram encontradas referências que possam indicar que “romances para homens” tenham sido produzidos ou editados neste período na capital paranaense.

Os títulos listados em anúncios da livraria Econômica são em sua maioria os mesmos que circularam na cidade do Rio de Janeiro do período, se compararmos com as listas estudadas pela antropóloga Alessandra El Far em seu livro “Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica na cidade do Rio de Janeiro (1870-1924)”. Isso se explica pelo fato de que as livrarias localizadas na cidade de Curitiba se dedicavam a trazer para a cidade livros dos mais variados, que vinham de outros centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris e Buenos Aires³⁰.

Os enredos dos “Romances para Homens” eram diversos e traziam mulheres que traíam seus maridos, meninas que perdiam a virgindade antes do casamento, padres e freiras que rompiam com os seus votos “e as mais diferentes personagens envolvidas no

²⁶ EL FAR, Alessandra. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 38-39.

²⁷ In-fólio era o nome dado a uma grande folha de papel que formava um caderno de quatro páginas se dobrada uma única vez.

²⁸ DENIPOTI, Cláudio. As livrarias de Curitiba no século XIX. In: TEIXEIRA, Valéria Marques; DUARTE, Otávio (org.). *Histórias de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2008, p. 94.

²⁹ CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975, p. 22.

³⁰ DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*. Op. cit., p. 96.



movimentado cotidiano dos bordéis e casas de prostituição”³¹. Pelo seu conteúdo considerado imoral, muitos foram condenados, mas nem por isso deixaram de ser muito vendidos. Com enredos variáveis inclusive na quantidade de elementos pornográficos (sendo alguns compostos basicamente por uma seqüência de cópulas e imagens apelativas e outros mais focados na história, apenas com algum conteúdo mais explícito), esse tipo de literatura circulou no Rio de Janeiro com ampla divulgação a partir de 1870 e em Curitiba nas duas primeiras décadas do século XX, segundo os anúncios de livrarias encontrados nos jornais da época.

Dentro desse conjunto de obras designadas como “Romances para Homens”, para fins da análise que se pretende realizar nesse artigo, optou-se por realizar uma leitura do livro “Um homem Gasto: Episódio da história social do XIX século”. A obra foi publicada em 1885 e assinada apenas pelas iniciais “L. L”. Mais tarde, atribuiu-se a autoria à Ferreira Leal, médico que se propunha a escrever para a escola Naturalista sem, no entanto, ter alcançado reconhecimento por parte da crítica literária.

O livro conta a história dos problemas enfrentados para a consumação do matrimônio de Alberto e Luiza. Luiza é jovem, bela e inocente, se apaixona e se casa com Alberto, homem vinte anos mais velho que vivera uma vida repleta de experiências sexuais consideradas imorais antes do casamento. Através de cartas, Luiza conta à sua prima Cecília, (também jovem que em breve contrairia matrimônio com Pedro de Oliveira) a respeito de sua vida conjugal com o marido. A prima mostra-se bastante ansiosa por saber detalhes sobre a noite de núpcias, mas a este respeito, Cecília nada revela, a não ser sobre a impressão que teve de que o momento fora incompleto.

Ao longo da narrativa, que se desvela ao leitor através de cartas trocadas entre as personagens, vai se desenhando uma situação bastante dramática, pois Luiza não compreende ao certo o que há de errado com o marido, mas vai adoecendo, física e psicologicamente. Também Alberto torna-se um homem sem forças, destruído, adoentado e por fim, passa a demonstrar sintomas de loucura, até que acaba por se suicidar. Antes de falecer, no entanto, revela em uma carta direcionada a um médico de confiança as suas vivências anteriores ao

³¹ EL FAR, Alessandra. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.49.



casamento e explica que depois de ter extrapolado e transcendido todos os limites impostos pela moral, tornou-se impotente e, portanto, gasto.

É interessante observar os subterfúgios utilizados pelo autor de “Um homem Gasto” para declinar-se da autoria. Além de ter publicado sob um pseudônimo, afirma logo no princípio do texto que o mesmo fora recebido de outrem e publicado quase que da mesma forma como em seu original. O autor, então, esquiva-se duas vezes do conteúdo de seu próprio livro, mas não deixa de justificá-lo, explicando que a narrativa serve como um exemplo das tragédias que podem acontecer a um homem que não observe a moral em suas práticas. Neste sentido, Ferreira Leal afirma:

É interessantíssimo [o livro]: diz respeito ao casamento, essa base essencial da sociabilidade. Como sabe, quando tal instituição falseia na pratica, as conseqüências são desastrosissimas. É por isso que a analyse das anomalias respectivas tem merecido e merecerá ainda os mais variados estudos. O ponto de apreciação n’esta verídica historia tem o mérito na novidade, pelo menos em trabalhos d’esta ordem. [...] Por elle verá como a hygiene entretem relações de intimidade com a moral e como a transgressão dos preceitos estabelecidos pela primeira, gera inevitavelmente o damno da segunda³².

Era própria dos romances naturalistas a característica de se propor a revelar os aspectos mais doentios da realidade social. Desta forma, eram selecionados “tipos psicológicos autênticos, fatos escandalosos e ações ditas degeneradas para darem ensejo às suas análises romanceadas quase sempre portadoras de finais trágicos e catastróficos”³³. A inclinação do naturalismo pela descrição de comportamentos considerados pervertidos trouxe uma grande proximidade entre o mesmo e o discurso médico do período. A anormalidade e o comportamento sexual desviante passaram, assim, a ser tema de um tipo de literatura que não se eximia de descrições realistas de experiências sexuais. Nas palavras de Carlos Eduardo

³² L.L. *Um homem gasto*: Episodio da historia social do XIX século – Estudo Naturalista. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885. p. 13-14.

³³ EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 248.



Bezerra, “O Naturalismo, mais do que qualquer outra estética literária, assumiu a carnalidade do corpo e a colocou no centro da narrativa”³⁴.

Neste sentido, enquanto a ótica Naturalista ocupava-se de captar os aspectos medíocres da rotina humana, os vícios e os desejos impróprios³⁵, várias das obras escritas sob essa estética conferiram espaço para encontros eróticos, descrições dos corpos femininos e masculinos e cenas de sexo que pretendiam demonstrar as fraquezas da carne. Alessandra El Far explica que os críticos literários com frequência se posicionaram de forma contrária a textos supostamente escritos sob os pressupostos naturalistas, em função de “abusos” cometidos nas descrições das cópulas. Não raro, livros pertencentes a esse gênero eram considerados pura pornografia. Nas palavras da autora:

As obras vinculadas a essa escola literária aclamadas como unanimidade, como as de Aluísio de Azevedo, que publicou *O Mulato*, *O Homem* e *O Cortiço*, foram exceções no cenário de nossas letras, visto que a grande maioria havia sido recebida com desconfiança, em parte pelos reclames divulgados na imprensa que faziam alusão aos enredos “de fogo”, “escaldantes”, “picantes” que traziam³⁶.

Pela escrita de “Um homem gasto”, Ferreira Leal foi extremamente criticado por ter escolhido um título provocativo, apimentar frases e utilizar palavras licenciosas, indícios de que desejava unicamente o sucesso da livraria. A personagem de Alberto foi considerada mal construída pela crítica da época, que não acreditava na possibilidade de que um rapaz nascido perfeito nos sentidos físico e intelectual pudesse se deixar levar pelo vício tão facilmente³⁷. Se a crítica literária considerou o enredo de “Um homem gasto” pouco verossímil e distante da realidade, por outro lado, o discurso médico produzido pelo médico Felipe de Sousa Miranda guarda sensíveis semelhanças com tal narrativa literária.

Aproximações entre literatura e discurso médico

³⁴ BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay *made in Brazil*. In.: *Bagoas*: estudos gays - gêneros e sexualidades. V. 1, n. 1. jul./dez. 2007. – Natal : EDUFRN, 2007.p. 200.

³⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 189.

³⁶ EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*. Op. cit., p. 253.

³⁷ *Ibidem*. p. 250.



À primeira vista, a figura de um médico pouco se assemelha à de um escritor. A carreira médica estaria relacionada à seriedade que o compromisso com a cura acarreta, com o discurso científico, com as verdades sobre o corpo humano. O médico é aquele que conhece por seus estudos e experiência quais são os melhores hábitos para preservar a vida, o que é fundamental ensinar aos filhos e o que significa viver bem, em última instância. Por outro lado, aquele que se dedica à literatura teria bem menos compromissos, sendo aparentemente livre para criar um mundo próprio.

Já houve um tempo, no entanto, em que literatos invejavam os médicos e vice-versa. No decorrer do século XIX, não apenas médicos e escritores, mas também historiadores e cientistas de uma forma geral se aproximaram em função do desejo de conhecer a verdade - que se acreditava ser única e acessível a quem se dedicasse a alcançá-la. O acesso ao real, entretanto, não era simples, sendo fruto do conhecimento especializado de pesquisadores com olhares treinados, voltados para os detalhes. Apenas o exame comprometido e racional da natureza, dos corpos, dos indícios tornaria o cientista capaz de descobrir a verdade. De origem europeia, logo esse movimento espalhou-se por diversas regiões do mundo, servindo de modelo para os brasileiros. Passou-se a acreditar que o exercício da razão era um procedimento pautado pela neutralidade e que o próprio cientista desapareceria de seu discurso quando esse se fizesse no intento de revelar o real. Essa ambição foi compartilhada no século XIX por historiadores que pretendiam se tornar cientistas, por médicos e anatomistas desejosos de desvendar os mistérios dos corpos e por literatos convencidos de que poderiam dissecar a natureza humana em seus escritos.

Como afirma Nancy Stepan em seu livro “A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina”, o discurso científico cresce a partir da vida social dos indivíduos e grupos nos quais eles estão inseridos, assim como a ficção. Médicos, cientistas, historiadores, antropólogos, escritores, apesar de suas técnicas e práticas discursivas diferenciadas, fazem parte da sociedade em que vivem e participam nos valores e na política de seus tempos³⁸.

No período do qual tratamos nessa pesquisa – a passagem do século XIX para o XX – esses personagens vão enfrentar os problemas de seu tempo diante de grandes transformações: a modernização, a urbanização, o medo da decadência e da degeneração, as mudanças nos

³⁸ STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 213.



papeis sociais de homens e mulheres, de brancos e negros. Deste enfrentamento surgiram teorias sociais apoiadas, sobretudo, no determinismo biológico e difundidas tanto pela literatura ficcional quanto pela medicina, numa tentativa de aplacar as ansiedades e equacionar as mudanças dessa passagem de séculos.

No Brasil as ideias sobre a degeneração e as soluções eugenistas, assim como as propostas da medicina higiênica estiveram presentes na literatura, em especial na de caráter naturalista, a princípio mais do que na escrita médico-científica. A própria fragilidade na formação dos médicos no Brasil fez com que a retórica e a literatura estivessem presentes na educação desses homens que frequentemente aventuravam-se tanto na medicina quanto no mundo das letras. Assim como as obras naturalistas emprestavam termos médicos para a construção de suas narrativas, os tratados de medicina muitas vezes eram carregados de imagens literárias³⁹. O fato das ideias científicas serem difundidas pelo discurso literário não retirava o seu caráter legítimo, pois o naturalismo buscava aproximar-se ao máximo do real e, justamente por esta razão, recorria às ideias médicas como matéria para a criação de seus personagens. É a partir desse pressuposto que podemos comparar os discursos presentes nos dois documentos que analisamos neste artigo.

A tese médica “Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Patria”, de Felipe de Sousa Miranda divide-se basicamente em duas partes. Na primeira, o autor discorre sobre os três grandes males resultantes da falta de educação sexual dos jovens: a masturbação (o mal inicial), as relações sexuais com prostitutas e a decorrente contaminação por doenças venéreas (o grande mal) e a impotência (o mal profundo). Esses males são dispostos pelo médico de forma que cada um se apresenta como consequência do outro e todos, em suma, constituem-se em resultado dos excessos praticados com relação à sexualidade. Na segunda parte, são apresentadas as recomendações para que se evite ser atingido por qualquer um desses males e também os tratamentos disponíveis para quando não for possível evitá-los.

O discurso a respeito da masturbação é particularmente interessante nos escritos de Miranda. Segundo o médico, o principal problema dessa prática é que ela tendia a induzir o

³⁹ BORGES, Dain. Inchado, feio, preguiçoso e inerte: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. *Teoria e Pesquisa*. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós Graduação em Ciências Sociais, 2005. p. 49.



jovem ao vício pelas sensações eróticas e pela pornografia, o que levava na maior parte das vezes ao surgimento de outras complicações da sexualidade. A masturbação poderia ser praticada pelos meninos, ainda muito jovens, desorientados sobre os seus perigos para a degradação moral e para o organismo. Na seguinte passagem, o médico discorre sobre algumas das graves consequências da prática, especialmente quando iniciada na infância:

O onanismo das creanças é certamente peor que o dos adultos. Não só torna a creança preguiçosa, mollenga e vergonhosa, ou, pelo menos, aumenta-lhe taes defeitos, como lhe perturba a nutrição e a digestão, fazendo desabrochar a disposição para perversões sexuais e para a impotencia.⁴⁰

A falta de observância paterna e as companhias de outros meninos são apontadas por Mirando como causa para que tantos jovens se entregassem a tal prática tão perigosa: “Lembrai-vos que se não advirtides os vossos filhos, não faltarão más companhias que os pervertam e os induzam à prática do mal”⁴¹.

Neste mesmo sentido, Alberto, personagem de “Um homem gasto”, ao se perceber impotente descreve o modo como iniciou a vivenciar práticas imorais. Na ficção, tudo começara ainda na infância, quando a personagem fora incitada por outros meninos do internato no qual estudava a praticar a masturbação. A esse respeito, afirma:

Foi o internato o primeiro elemento dissolvente, cuja acção perniciosa se me repercutiu na individualidade. O internato, meu caro amigo,[...] é fonte de incalculáveis perigos para a creança desprecauida.[...] Arrebatada do lar domestico, onde a vigilância e os carinhos maternas a resguardam da macula exterior, [...] a creança começa a perverter-se no contacto de companheiros de todas as idades, todas as procedências e propensões, muitas vezes despejadamente adestrados na impureza pelas suggestões de um professor ignóbil⁴².

Uma vez adquirido o vício da masturbação e iniciado em práticas sexuais ilícitas, Alberto se descreve soterrado em perversidade desde “o verdejar dos anos”, quando passou também a se relacionar com seu professor de língua portuguesa. Em troca dos favores sexuais

⁴⁰ MIRANDA, Felipe de Sousa. *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandeza da Pátria*. Op. cit., p.12.

⁴¹ *Ibidem*, p. 11- 12.

⁴² L.L. *Um homem gasto*. Op. cit., p. 177- 178.



que prestava ao professor, ganhava benefícios na escola. Já aos quinze anos, a personagem saiu do internato e passou a ter uma vida mais comum, tendo namorado uma jovem com quem se distraiu por algum tempo. Anos depois, viajou à Europa para concluir seus estudos e lá ficou órfão, tendo herdado uma grande fortuna. Sozinho, Alberto entregou suas riquezas às casas de prostituição, cometendo todo o tipo de excesso sexual⁴³.

A entrega às prostitutas e às perversões sexuais a partir da aquisição do vício da masturbação estava descrita também no discurso médico de Miranda, que afirma:

Observando-se com a puberdade esse augmento crescente dos desejos sexuaes, é natural que se veja o joven obrigado a raciocinar sobre os resultados maléficicos da persistência da pratica da masturbação. Não tardam os moços a comprehender a extensão dos males a que se expõem, se continuarem ainda a se masturbar e, então, como ainda lhes falta essa assistência do pai, tão útil quão necessária, resvalam inconscientemente para a senda tortuosa da prostituição! [...] E como geralmente acontece, [...] ao primeiro contacto com a rameira depravada e porca, se contaminara brutalmente!⁴⁴.

No discurso médico, o contato com as prostitutas além de demonstrar descontrole sobre a própria sexualidade, significa para o homem tomar contato com grandes riscos de adquirir doenças venéreas das quais dificilmente conseguirá ser curado. As moléstias causadas pela depravação moral levariam, não raras vezes, à impotência, seja ela causada por doenças adquiridas no contato com prostitutas, seja pelo próprio uso demasiado das potências sexuais. Ainda que o homem se mantivesse distante das meretrizes, a própria masturbação ou o excesso de uso dos genitais dentro do próprio casamento poderiam torná-lo impotente. Para explicar como isso pode ocorrer, Miranda conta a história de um jovem de dezoito anos que já não é capaz de realizar o ato sexual devido a seus excessos:

Aos 12 anos [A.G.] fora internado em um dos Collegios da nossa Capital. Ahi, entrando em franca camaradagem com 2 outros meninos, começou a se entregar quotidianamente á prática da masturbação. A principio contentava-se com a excitação venérea que della decorria, mas depois que se verificou pela primeira vez o espasmo genésico, não se dava por satisfeito enquanto

⁴³ Ibidem, p. 185-190.

⁴⁴ MIRANDA, Felipe de Sousa. *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandeza da Pátria*. Op. cit., p. 16-17.



não o provocava. Decorre desse habito adquirido assim condenavelmente que o penis adquire um desenvolvimento exaggerado. Facto original é porem que, a despeito da mocidade de A.G., o que ella ganha em tamanho perde no poder natural de erecção, máxime para a realisação da cópula. [...] Posto que a sua falta de erecção, em presença de uma mulher por mais formosa que possa parecer aos seus olhos [...] A.G. abandona definitivamente a idea de conquista ao bello sexo, para se deixar dominar por essa pratica criminosa que o exgota – de tal modo, que chega a ceifar-lhe a vida, em plena mocidade, isto é aos 18 annos⁴⁵.

Na sequência de seu texto, Miranda explica que o uso excessivo do pênis faz com que o mesmo se torne debilitado, destruindo, desta maneira, o vigor, a virilidade e a potência do homem. Isso seria decorrente da própria anatomia peniana, que formada por inúmeros nervos, não deveria ser excessivamente utilizada, sob pena de sofrer atrofia. Nas palavras do autor:

É preciso não esquecer que, se o exercício e o uso tendem a desenvolver os tecidos musculares e a augmentar a sua força, o contrario se dá com respeito ás funcções que dependem do systema nervoso, como a da reproducção da vida. Pelo exercício um músculo augmenta sua força e diminue a sua irritabilidade; para os nervos é exactamente o contrario que se produz. O seu freqüente exercício augmenta a sua irritabilidade e diminue a sua tonicidade e a sua resistência. D'aqui resulta que, para conservar o systema nervoso em bom estado, devemos estimula-lo e excital-o o menos possivel⁴⁶.

Para conservar a potência sexual, o médico propõe, então, uma vida regrada em que as relações sexuais se realizem apenas dentro do casamento. Além disso, é preciso que o sexo seja pouco freqüente, “pouco prolongado e vigoroso”⁴⁷. Um homem, para preservar sua virilidade e sua própria vida, deveria poupar-se de uma vida sexual que pudesse lhe sugar as forças vitais. O romance “Um homem gasto”, através do problema enfrentado por Alberto, ilustra claramente o que pode acontecer quando não observadas essas recomendações médicas.

Alberto teria cometido diversos excessos em sua juventude, de modo que realizou, como descreve, “tudo o quanto a pintura e a litteratura pornographicas podiam imaginar de

⁴⁵ Ibidem, p. 40-41.

⁴⁶ Ibidem, p. 50-51.

⁴⁷ Ibidem, p. 57-58.



mais variegado e extravagante⁴⁸ e depois disto, já aos 35 anos, passou a se sentir esgotado. Voltou então para o Rio de Janeiro e passou a se dedicar ao trabalho, mas tendo sentido saudades da vida que levava, chegou a voltar a Paris para viver novamente aventuras libidinosas, mas lá chegando, não conseguiu realizar a cópula, tendo se transformado em alvo de chacota das prostitutas. Desanimado e triste, recorreu ao casamento com Luiza, por quem se apaixonou e sentia um grande desejo, apesar de não ter conseguido de forma alguma concretizar o ato sexual com ela. Desesperado, louco e vendo sua amada e jovem esposa desfalecer aos poucos, Alberto decide pelo suicídio, de modo que Luiza pudesse após a viuvez casar-se novamente, com um homem apto a cumprir com suas obrigações conjugais.

As metáforas relacionadas à fraqueza adquirida pelo uso excessivo das funções sexuais estão também presentes em outros “romances para homens”. Em “A Carne”, de Julio Ribeiro, Barbosa após deixar-se envolver por Lenita, mulher de inteligência rara e muito mais jovem que ele, perde também o ponto de equilíbrio:

Louco que fora! Tinha tido dezenas de amantes, tinha sido, era ainda casado, conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrótica, inconstante, ilógica, falha, absurda, da fêmea da espécie humana; conhecia a mulher, conhecia-lhe o útero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cérebro fraco, escravizado pela carne, dominado pelo útero; e, estolidamente, estupidamente, como um fedelho sem experiência, fora se deixar prender nos laços de uma paixão por mulher!⁴⁹.

Enfraquecido, abandonado, impossibilitado de se casar com Lenita, Barbosa também recorre ao suicídio: “E ele morria, por amor dessa mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da carne, morria porque sem ela a vida se lhe tornara impossível.... Covarde!”⁵⁰.

Fleta, personagem de Mademoiselle Cinema, também um homem maduro com cerca de quarenta anos, definha e perde seu vigor após um caso igualmente imoral com Rosalina. Encantado e perdido por essa jovem mulher, o experiente escritor de livros libertinos acaba envelhecido:

⁴⁸ L.L. *Um homem gasto*. Op. cit., p. 190-191.

⁴⁹ RIBEIRO, Julio. *A Carne*. São Paulo: Editora Escala. s/d. p. 132.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 143.



Pelas ruas estreitas de Robinson, atropetadas pelos parisienses domingueiros, pelos burrinhos de orelhas abanando e pelos pequenos carros enfeitados – Rosalina, vibrante de juventude, no seu tailleur cinzento, bem curto, deixando quase até o joelho a sua perninha nervosa à mostra sob a transparência da meia de seda, ao braço de Roberto Fleta, elegante, mas visivelmente abatido, parecia mais sua filha do que sua amante. O escritor tinha envelhecido⁵¹.

O excesso sexual seja na juventude, seja na maturidade, aparece nessa literatura como uma armadilha aos homens. O desregramento construiria a ilusão de que era possível transgredir os valores morais e vivenciar uma sexualidade distante do casamento monogâmico, mas o prazer seria apenas passageiro, trazendo males terríveis que levariam o corpo à incapacidade e à velhice precoce e a mente à loucura. Essa noção repete-se em diversas dessas obras, que ao falar a respeito do sexo não se eximem de alertar para os seus perigos.

Guardadas as diferenças de linguagem, o discurso médico e a narrativa literária aqui apresentados mostram-se muito próximos. A mensagem transmitida por ambos aponta para a necessidade de estabelecer limites às práticas sexuais, de modo a preservar a saúde física e mental. Rejeitado pela crítica literária por contar uma história imoral e que utilizava palavras apelativas com o intuito único de causar escândalo, “O homem gasto”, corrobora em muitos pontos o discurso médico de caráter moralizante de Felipe de Sousa Miranda. O próprio texto de “Um homem gasto” se diz de caráter exemplar e necessário para que outros homens não caiam na armadilha de se deixarem levar por seus desejos, ainda que isso talvez tenha sido usado pelo autor como argumento unicamente para se desvencilhar da crítica.

Há certa perseguição dentro dos ideais do naturalismo de se desmistificar o mundo romântico, propondo um retrato do mundo social mais “científico” e mais próximo da “realidade”⁵². Neste sentido, o realismo literário, do qual a estética naturalista é tributária, está relacionado, sobretudo, à busca pela descrição do real, colocando os personagens e o enredo a serviço de um contato entre o leitor e o mundo tal como ele se apresenta. De acordo com Roland Barthes, esse efeito de realidade é dado pela descrição extensa e exata, que leva a

⁵¹ COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. p. 105-106.

⁵² DANTAS, Luiz. As armadilhas do paraíso. In: NOVAES, Adauto. *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990. p. 463.



pensar que o escritor age como um retratista e que não há uma relação de exterioridade entre um texto realista e uma imagem⁵³.

Da mesma forma que no discurso científico, apresenta-se na literatura realista a intenção clara de fazer com que a narrativa pareça inexistente no sentido interpretativo, desvelando apenas o vivido e a realidade em si mesma. Este movimento em busca do real não é exclusivo das narrativas ficcionais do período, sendo contemporâneo dos ideais da objetividade histórica e do realismo filosófico. Neste sentido, Ian Watt explica que na forma do romance realista adotou-se um método narrativo da realidade identificado com o processo de individualização que a civilização ocidental sofrera desde o Renascimento. Nas palavras do autor:

o romance [realista] constituiu um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras obras literárias⁵⁴.

Esta questão da linguagem referencial do romance realista, no caso das fontes que foram analisadas neste artigo, está relacionada inclusive com a adoção na narrativa “Um Homem Gasto” de uma série de ideias que faziam parte do discurso médico do período. Tanto o discurso médico quanto o literário analisados pretendem ser narrativas do real, porém as mesmas se dão através de registros e de intenções diferentes. Enquanto a tese médica pretende demonstrar o domínio de uma extensa bibliografia científica e a partir disto explicitar a necessidade de mudanças nas práticas de educação sexual e moral dos sujeitos, o romance tem por característica entreter o leitor, contando-lhe uma história que apesar de fictícia, aproxima-se em muito da realidade.

Ferreira Leal era médico e como tal, apropriou-se de informações que eram provenientes da experiência e dos discursos da medicina higienista. A assinatura através de

⁵³ BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, R. et. ali. *Literatura e realidade*. O que é realismo? Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. p. 87-94.

⁵⁴ WATT, Ian. *A ascensão do Romance*. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 30-31.



um pseudônimo e a publicação por uma editora freqüentemente associada a livros pornográficos indica que o autor não pretendia escrever apresentando-se como médico, no entanto, há um sensível diálogo entre esta narrativa literária e a tese médica analisada.

O caso de um médico escrevendo uma obra tida como escandalosa não era uma exclusividade do cenário brasileiro. Neste sentido, Mireille Dottin-Orsini descreve o momento da passagem do século XIX para o XX como o de formação de um conluio entre letras e medicina, pois não faltaram médicos que assim como Ferreira Leal escreveram textos literários, nem mesmo aqueles que citaram personagens da literatura para confirmar a validade de seu conhecimento médico.⁵⁵ Nas fontes aqui analisadas, até mesmo o estilo narrativo das duas obras se assemelha, de forma que por vezes torna-se difícil distingui-los. Ambas compartilham o mesmo vocabulário, valores e ideais da ciência sexual de então, constituída como a verdade sobre o sexo.

Observa-se assim, a existência do que é descrito por Ricardo Zani como intertextualidade, no sentido de que neste caso, ainda que não existam citações diretas, “O Homem Gasto” recupera e compartilha com o discurso médico da tese de Felipe de Sousa Miranda um conjunto referencial comum. Nas palavras do autor:

Como tal, a intertextualidade nasce de um diálogo entre vozes, entre consciências ou entre discursos, como uma multiplicidade que se relaciona sem o intuito de anulação, mas sim, de compartilhamento para algo além das mesmas, para gerar novos discursos e definir-se então como um diálogo de citações⁵⁶.

Pode-se compreender, neste sentido, que no romance considerado erótico e imoral, reside um conjunto de ideias próprias do discurso moral e moralizante do período. Isso leva à conclusão de que nos “romances para homens” há, além da transgressão às regras da moral e dos bons costumes, a confirmação de determinados valores morais da sociedade à qual eles pertencem. O fim trágico de Alberto, apesar das descrições de sua vida pregressa, demonstra que mesmo no discurso erótico há a compreensão de que há limites para as vivências da

⁵⁵ DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 223-224.

⁵⁶ ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão*. Porto Alegre, v. 9, n.1, jan/jul. 2003. p. 125-126.



sexualidade que devem ser respeitados, uma vez que a sua transgressão leva a fatalidades terríveis. Como demonstrado, essa lógica de vivência sexual seguida por punição não é exclusiva do romance “Um homem Gasto”, sendo comum a outras obras que foram vendidas como “romances para homens”, haja vista os finais trágicos de Fleta e Barbosa nas narrativas aqui apresentadas. É possível, portanto, compreender que nesses romances há, além da transgressão às regras da moral e dos bons costumes (característica que os fez serem classificados como “romances para homens”), a confirmação de determinados valores morais da sociedade.

Em certo sentido as narrativas estão relacionadas pela temática voltada para a questão da sexualidade e para a discussão de seus limites, à profusão de discursos sobre o sexo, apresentada por Foucault em “A História da Sexualidade”. Para o autor, houve no século XIX o desenvolvimento de uma *scientia sexualis*, empenhada em produzir discursos verdadeiros sobre o sexo apoiado nos métodos e no discurso científico:

[...] que tenha sido construído em torno do sexo e a propósito dele, um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento. O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade.[...] Desconhecimentos, subterfúgios, esquivas, só foram possíveis e só tiveram efeito baseados nessa estranha empresa: dizer a verdade do sexo⁵⁷.

Do ponto de vista da construção de um ideal de masculinidade, observa-se nos dois textos a presença de uma ideia de homem relacionada à sua virilidade e potência sexual. Nas palavras de Miranda, “o vigor do corpo e do espírito dependem da virilidade”. É neste sentido que Alberto, o homem que não é mais capaz de exercer a sua virilidade, perde a razão de ser. Destruíu pelos excessos a si mesmo e a sua hombridade.

O casamento aparece nessas narrativas como o caminho mais seguro para a vivência de uma sexualidade sadia. O erro de Alberto de “Um homem Gasto” foi envolver-se com uma moça bem mais jovem, o que era contra-indicado pelos higienistas. Analisando discursos

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 56.



médicos do período, Jurandir Freire Costa afirma que esse tipo de união era mal vista porque se acreditava que os problemas sexuais aconteciam mais frequentemente entre mulheres jovens e homens velhos⁵⁸. Assim, homens velhos poderiam estar enfraquecidos sexualmente e poderiam deixar suas esposas insatisfeitas, doentes e histéricas, como ocorre com Luiza.

Miranda em sua tese é categórico com relação ao casamento: é preciso que o homem se case para que tenha uma vida completa e feliz. Esse casamento, inclusive poderia ser precedido de exames médicos que atestariam a ausência de doenças que poderiam corrompê-lo, dificultar a relação do casal e torná-lo incapaz de gerar filhos. A visão do autor é expressa com entusiasmo:

Deves casar-te logo que possas, logo que tenhas chegado á idade adulta, que a desobriga do serviço militar te haja restituído a liberdade e te sintas capaz de obviar ás próprias necessidades. Não se é homem ás direitas, enquanto se não chega a chefe de família. Na antiga cidade não se podia exercer a menor função antes de adquirido esse título. Casar e casar novo é o dever. Mas é igual modo a felicidade. A vantagem da sociedade é que é o fim; o proveito pessoal adquire-se ao mesmo tempo. Não existe felicidade real, completa e duradoura, senão no casamento, na família⁵⁹.

Manter-se solteiro, na visão do médico, significava um rompimento com o ordenamento social, calcado no casamento – construtor da família. O solteiro seria sempre incompleto sentimentalmente e promíscuo, pois o homem procuraria mulheres para satisfazer seu desejo, mas sem jamais viver as vantagens do casamento. A exaustão de Alberto, em “Um Homem Gasto”, provém nesse mesmo sentido dos excessos cometidos em sua vida de solteiro.

Casamento e contenção sexual eram as receitas indicadas para a preservação da masculinidade e a manutenção de um lugar social para o homem, que se converteria em chefe de família. O sexo, dessa forma, conquista um único espaço seguro em tal produção discursiva: o casamento. Este, por sua vez, é tido como o espaço ideal para o amor e, portanto, é preciso associar amor e sexo, para que se tenha uma vida saudável e completa:

⁵⁸ COSTA, Jurandir Freire. Op. cit., p.220.

⁵⁹ MIRANDA, Felipe de Sousa. *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandeza da Pátria*. Op. cit., p. 96.



Não deveria, existir, portanto, união conjugal sem amor, porque tal união só tem de matrimônio o nome, bem como não deveria haver união sexual sem amor, porque uma união deste gênero perde todo o seu caráter humano e social para entrar na categoria dos actos puramente instintivos, próprios dos animaes. Falando com propriedade, o amor constitue para a humanidade o cimento dos sexos e o único elemento da estabilidade da união entre o homem e a mulher⁶⁰.

Quando Alberto percebe, na narrativa de Ferreira Leal, que está impotente, logo procura um médico que lhe faz recomendações. Aos primeiros sinais de cansaço o médico recomenda que ele deixe o sexo de lado para descansar. O personagem, no entanto, se recusa a aceitar o regime imposto pelo médico e acaba por adoecer ainda mais, o que se tornará mais dramático após o casamento com Luíza. Depois de casados, o médico chega a recomendar que os dois não durmam juntos, pois a excitação e ao mesmo tempo a incapacidade de Alberto o prejudicavam muito. O tratamento apresentado é, portanto, firmado na questão da restrição sexual.

Miranda, por sua vez, também impunha restrições para o sexo dentro do casamento, respeitando os períodos em que a mulher não estaria disposta a ele (na gravidez e durante a menstruação). Ao mesmo tempo, afirma que o sexo necessitaria ser sempre contido para a preservação das funções sexuais:

As relações sexuaes não devem ser muito freqüentes para que essa repetição não relaxe os sentidos e torne o amor fastidioso. [...] Todo homem inteligente deveria contentar-se com a media de sete ou oito copulas por mez. [...] Nunca se deverá realizar a copula diariamente e muito menos duas ou três vezes só n'um dia, pois que será isso um excesso prejudicial a saúde e que arruinará o organismo. [...] Poupae-voz pois, e não abuseis se quereis viver por mais tempo⁶¹.

Desenha-se, desta forma, a ideia de que o homem forte - do qual a família e a pátria necessitam - é aquele que é disciplinado, capaz de controlar seus desejos para preservar a si mesmo. Ser homem, neste sentido, é saber vencer seu próprio corpo, é lutar contra a própria

⁶⁰ Ibidem, p. 92.

⁶¹ Ibidem, p. 58-59.



carne. Tais concepções são diametralmente opostas às ideias de masculinidade do Brasil Imperial e demonstram a formação (ou mesmo o esforço de formação) de um novo modo de ser homem, mais compatível com as necessidades de um Brasil que se pretendia transformar em moderno e civilizado.

Essa questão da emergência de um ideal de masculinidade voltado para o autocontrole, não poderia, no entanto, representar uma ameaça à ordem de gênero no que diz respeito às relações entre homens e mulheres. Com o declínio da sociedade patriarcal o homem convertia-se no chefe de família, mantendo a autoridade sobre os demais, ainda que de uma forma um pouco diferente. A fraqueza ocasionada pelo uso excessivo das forças vitais na vivência de prazeres sem limites retiraria a força desse homem que na categoria de chefe familiar não poderia ser submisso ao sexo.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: Uma Invenção do Falo – Uma História do gênero Masculino (Nordeste-1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, R. et. al. *Literatura e realidade*. O que é realismo? Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay *made in Brazil*. *Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*, Natal, v. 1, n. 1. jul./dez. 2007.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Novos homens: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. *Revista Historiar*, julho de 2009. Disponível em: <www.revistahistoriar.com>. Acesso em: 30 set. 2015.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

CONNELL, Robert. W. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). *Masculinidades: Poder y Crisis*. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997.



COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

DANTAS, Luiz. As armadilhas do paraíso. In: NOVAES, Adauto. *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

BORGES, Dain. Inchado, feio, preguiçoso e inerte: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. *Teoria e Pesquisa*. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós Graduação em Ciências Sociais, 2005.

DENIPOTI, Claudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. As livrarias de Curitiba no século XIX. In: TEIXEIRA, Valéria Marques; DUARTE, Otávio (org.). *Histórias de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2008.

DOTTIN-ORSINI, Mirreille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 56.

L.L. *Um homem gasto: Episódio da historia social do XIX século – Estudo Naturalista*. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n.34, 2001.

MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (orgs.) *Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MIRANDA, Felipe de Sousa. *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria*. Curitiba: Livraria Universal Affonso Hey e Cia, 1929.

RIBEIRO, Julio. *A Carne*. São Paulo: Editora Escala. s/d.



SABO, Donald. O Estudo Crítico das Masculinidades. In: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (orgs.) *Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 213.

WATT, Ian. *A ascensão do Romance*. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n.1, jan/jul. 2003.